



IDeIAS

Informação sobre *Desenvolvimento, Instituições e Análise Social*

O Gigaprojecto que Poderá Transformar a Economia Moçambicana? Pró e Contra o Projecto de GNL Moçambique

António Francisco* e Moisés Siúta§

“Há dois tipos de pessoas de quem desconfio: arquitectos que garantem construir barato e economistas que garantem dar respostas simples”. Joseph Schumpeter¹

A revolução do Gás Natural Liquefeito (GNL) está a bater à porta de Moçambique: é pegar ou largar!, sugerem os seus promotores. O que fará Moçambique, ou melhor, o que decidirá, em seu nome, o Estado Moçambicano? Aceitará o desafio de implementar o projecto de produção de GNL, ao longo da Bacia do Rovuma, na perspectiva de converter Moçambique num dos maiores exportadores de GNL do mundo e transformar substancialmente a estrutura da economia moçambicana? Estará a sociedade moçambicana a preparar-se para enfrentar os desafios decorrentes da exploração dos seus recursos energéticos, particularmente o gás natural? Ou, pelo contrário, continuará fiel a seu pacto secular com o subdesenvolvimento, confirmando a ideia: “O subdesenvolvimento não se improvisa: é obra de séculos”²

Este estimulante contexto institucional proporciona aos académicos, analistas e investigadores uma oportunidade ímpar para debates intelectuais visando buscar soluções, sérias e inteligentes aos desafios que a exploração dos recursos naturais coloca ao país. Uma oportunidade que motivou o primeiro autor deste texto, na qualidade de Regente da cadeira de *Seminários de Investigação*, do 4º Ano da Licenciatura da Faculdade de Economia da UEM, a desafiar seus estudantes a realizarem um debate sobre o projecto de produção de GNL na bacia do Rovuma. O desafio foi muito bem aceite!

No início de Outubro a turma foi subdividida em dois grupos: um PRÓ e o outro CONTRA o projecto de GNL. O material de referência usado foi, em primeiro lugar, o documento do Standard Bank (“Documento”);³ por outro lado, documentos complementares foram indicados (ver referências), para além de se apelar ao uso de referências relevantes para a análise do tema. O debate realizou-se no passado dia 5 de Novembro. Para além dos docentes da disciplina, o Júri de integrou ainda dois convidados externos: o Professor Catedrático João Mosca e o Sr. Luís Leitão, economista e Editor Executivo da Revista Exame Moçambique. O interesse por este tema vai muito além de um interesse meramente académico ou conjuntural. Por outro lado, muito provavelmente este assunto continuará a merecer a atenção dos

actores económicos e políticos, bem como da investigação. Por isso, esta nota visa partilhar, primeiro, as questões levantadas e que certamente continuarão relevantes para futuras reflexões. Segundo, pretende-se trazer este debate para um público mais amplo, partilhando o fundamental dos argumentos dos dois grupos, bem como os comentários e sugestões dos convidados que participaram no Júri..

Estrutura do debate

Em antecipação do debate, os estudantes receberam um guia, para permitir aos grupos estruturarem suas intervenções e argumentos. De seguida, partilhamos as 12 questões do debate, organizadas nos quatro blocos. Para além de fornecerem uma ideia da sequência da discussão, acreditamos que tais questões merecem ser revisitadas e aprofundadas, em futuros debates sobre este tema.

BLOCO 1: Considerações gerais sobre o Documento e as referências

1. Quais os méritos e deméritos do documento de referência: *GNL em Moçambique: Estudo Macro-Económico*?
2. Como avalia a revisão da literatura no Documento, nomeadamente a comparação do Projecto de GNL com os actuais megaprojectos, bem como o seu enquadramento no contexto macroeconómico moçambicano?
3. Após a leitura atenta e reflectida do “Documento”, considera-o bem fundamentado e convincente, ou pelo contrário, mero dislate com fins manipulativos, em benefício de alguns interesses económicos financeiros?

BLOCO 2: Contexto do Projecto GNL: Oportunidade ou Ameaça?

4. O novo quadro legal de petróleo e minas permite acomodar e compatibilizar os custos e benefícios para os moçambicanos vis-à-vis estrangeiros, para que o Projecto de GNL se converta em benefício real para Moçambique em vez de mera promessa?
5. Poderão os Projectos de GNL, da Anadarko e da ENI, proporcionar uma nova oportunidade para a realização do sonho de Samora Machel,⁴

relativo à década da vitória sobre o subdesenvolvimento, se bem que, obviamente, num modelo radicalmente diferente?

6. O ambiente institucional, tanto político como económico e cultural é favorável à implementação do Projecto GNL? O que dizem os grupos, sobre críticas como a de Marcelo Mosse⁵ e outras que tenham identificado?

BLOCO 3: Possíveis Impactos: Directos e Indirectos

7. Considerando a forte competição na indústria do GNL mundial, será Moçambique capaz de viabilizar o investimento, em tempo e substância, para disputar a liderança no mercado global com países como Argélia, Malásia, Rússia, Austrália, Qatar e Estados Unidos? Considere, em particular, questões laborais, de seguros, contabilidade, Lei da Concorrência, entre outras.
8. Poderá este Projecto converter Moçambique num país mais dependente dos seus próprios recursos naturais do que da poupança externa?
9. O Projecto de GNL oferece uma boa oportunidade para romper com o modelo económico alicerçado, em parte, numa economia de subsistência precária, e por outro lado, num crescimento económico ancorado na poupança externa?

BLOCO 4: Expectativas: Positivas e/ou Negativas

10. Poderá o Projecto de GNL contribuir para um novo modelo económico, no qual a poupança externa forneça suficientes contrapartidas locais para financiamento de projectos nacionais que induzam à transformação da estrutura produtiva moçambicana?
11. “A oportunidade de Moçambique está ao virar da esquina. Falta muito pouco para que o país possa almejar dar o salto rumo ao crescimento sustentável. Para que isso aconteça é fundamental haver uma forte articulação entre o governo e operadores no sentido de desamarrar a burocracia dos processos. O carteiro não bate duas vezes. A sorte também não. E no caso do mercado do GNL, tempo é dinheiro. É preciso acelerar”.⁶ Estaremos perante uma nova versão de *Paraíso na Outra Esquina*, título do livro do escritor Mário Vargas Llosa, ou é algo realmente

* Director de Investigação do IESE e Professor Associado da Faculdade de Economia (FE), Universidade Eduardo Mondlane (UEM), antonio.francisco@iese.ac.mz

§ Assistente de investigação e Licenciado em Economia da FE- UEM, moises.siuta@iese.ac.mz..

viável?

12. O Presidente da Anadarko, Al Walker, acredita que “Moçambique vai emergir como o terceiro maior exportador de GNL do mundo”.⁷ Concordam com este optimismo?

Os Argumentos Pró

O Grupo a favor do projecto GNL concentrou-se nos possíveis benefícios que Moçambique pode obter com a sua implementação. Sustentou seu apoio nos argumentos e dados do “Documento” do Standard Bank, recorrendo também a outras fontes, principalmente para destacar experiências de outros países. Defendeu a necessidade de Moçambique aumentar seu nível de produção e produtividade para fazer face às crescentes necessidades de consumo e investimento da população. Em particular, exaltou o facto do projecto de GNL poder incrementar o PIB per capita de Moçambique para 4500 USD, em pouco mais de uma década; expandir o emprego em cerca de 700 mil postos e as receitas do governo em mais de 67 mil milhões de USD. Se tal acontecer, defendeu o grupo Pró, ampliam-se as possibilidades de melhoria da qualidade de vida dos moçambicanos, em áreas importantes como o acesso à saúde, educação e melhoria das infra-estruturas. Para isso, defendeu ser indispensável melhorar o papel e desempenho do Estado, nomeadamente na sua política de alocação de recursos, como provedor de bens públicos e garante de maior segurança, iniciativa e capacidade produtiva e empreendedorismo. Para além disso, defendeu a importância de se garantir maior transferência de conhecimento e tecnologia para os trabalhadores e empresas locais, aproveitando o projecto de GNL para ampliar e fortalecer a capacidade produtiva e geradora de riqueza nacional.⁸

Os Argumentos Contra

O grupo Contra optou por uma abordagem inteligente, ao evitar mostrar-se explicitamente hostil ao projecto de GNL, enquanto arrolava um conjunto de factores e dúvidas sobre a possibilidade do seu sucesso. Reconheceu o potencial teórico e prático de um tal projecto, mas defendeu que Moçambique precisaria de preparar-se melhor para poder tirar os devidos benefícios de um projecto de tamanha dimensão. Referindo-se aos pontos fracos do país para lidar com mega-projectos, da envergadura do projecto de GNL, realçou questões como: a fraca qualificação da mão-de-obra moçambicana, a fragilidade da legislação em vigor, das instituições públicas e do sector privado, para lidar com projectos de grande dimensão com o de GNL. Considerou também o contexto macroeconómico moçambicano inapropriado, para a implementação deste projecto, devido ao risco da chamada “doença holandesa”, afunilamento da base produtiva, da fragilidade de ligações entre este projecto e as pequenas e médias empresas nacionais, e o agravamento das desigualdades sociais que dificilmente poderá ser amenizado por políticas públicas desajustadas da realidade do país.⁹

Comentário do Prof. João Mosca

O Prof. Mosca começou por felicitar ambos grupos, pela preparação e uso de apresentações

em Power Point bem organizadas e estruturadas. Contudo, salientou que ambas as apresentações circunscreveram a sua abordagem a aspectos estritamente económicos. Ao passarem ao debate, outros aspectos emergiram, para além do estrito domínio económico, mas que são muito relevantes para o cidadão. Interpretou o divórcio entre uma postura de estudante de economia e a sua afirmação como cidadão como reflexo da estrutura e conteúdo do próprio curso de Licenciatura na FE-UEM. Um curso carente de matérias que ajudem a interpretar uma realidade institucional mais complexa do que transparece nas disciplinas curriculares. Por isso, adiantou o Prof. Mosca, o debate decorreu de forma descontextualizada, levantando preocupações dispersas e sem o devido enquadramento na realidade histórica concreta do país. Ora, projectos deste tipo e dimensão precisam de tomar em consideração aspectos fundamentais sobre as instituições da sociedade moçambicana. Se tivessem tomado em conta as instituições teria sido mais fácil aferir se é ou não possível realizar uma ruptura tão radical com a continuidade histórica do passado. Por isso, disse ter dúvidas que a descontinuidade com o processo histórico possa ser concretizada. Isto vai de encontro ao Grupo Contra, não no sentido de negação em absoluto do projecto, mas considerando a necessidade de se tomar em consideração os inúmeros obstáculos à sua implementação. Referiu ainda a importância de disciplinas como economia política e economia institucionalista, para se perceber a relação entre desenvolvimento e subdesenvolvimento, bem como a questão da democracia. Em resumo, no debate, o cidadão apareceu disperso e desorientado, enquanto nas apresentações o estudante economista centrou-se principalmente em aspectos técnicos e sistemáticos.

Comentário do dr. Luís Leitão

“Gostei muito do debate. Parabéns a todos”, começou por dizer o Editor Executivo da Revista Exame. Ambos grupos coincidiram num ponto fundamental: como é que a gestão dos recursos pode ser feita? Pareceu haver falta de optimismo no grupo Contra, quanto à capacidade do país agarrar esta oportunidade. Isto contrasta com o grande optimismo manifestado no “Documento”. Estava à espera de ver, do grupo a favor, uma defesa mais forte da janela de oportunidades. Sabemos que os promotores do projecto defendem que, se não for agora, nunca mais será. É exacerbado, sim; mas não podemos esquecer o ambiente demasiado competitivo deste mercado. Gostaria também de ver melhor uso dos números. O impacto no PIB e noutros indicadores foi reconhecido, mas podiam ter usado melhor outros dados do próprio relatório. Por exemplo, o Documento contém um quadro sobre a construção de um Gasoduto, entre Pemba e Maputo. Estima que esteja operacional em 2035, mas com uma rentabilidade de -1%. Isto é o mesmo que dizer que ninguém vai investir em tal projecto. Ora, como economistas esse número devia ter merecido atenção. Em resumo, foi um debate bastante emotivo, no início um pouco reticente, mas depois bastante interessante. Luís Leitão terminou, voltando a salientar como ponto central a gestão dos

recursos: como é que será feita e como é que serão canalizadas as receitas que venham a ser geradas?

Balanco do Debate

O debate aqui descrito teve como objectivo estimular o interesse dos estudantes por estudos económicos aplicados e relevantes para Moçambique, incentivando o sentido analítico e crítico, o debate sustentado em argumentos e dados fundamentados, e o respeito pela diversidade de opiniões e interpretações.

O Júri considerou que o principal vencedor do debate foi a turma, em geral, pelo exercício realizado, antes e durante o debate, para o qual a maioria dos estudantes contribuiu. Dito isto, o Júri também reconheceu que o grupo “Contra” saiu-se melhor. Tinha a lição melhor preparada; seus membros mostraram ter tido mais discussão preparatória e mais brainstorming interno. Por sua vez, o grupo Pró pareceu “menos grupo”, menos aguerrido e menos seguro nos seus argumentos, com excepção da porta-voz do grupo que foi muito entusiasta e estava muito bem preparada. Em conclusão, foi uma experiência interessantíssima, como exercício académico, mas também como simulação do tipo de realidade que eventualmente os estudantes economistas poderão viver na sua vida profissional. Frequentemente, no quotidiano da vida profissional, os economistas pertencem a empresa, ou partidos ou uma banca parlamentar, onde terão que reunir elementos a favor, ou contra, um argumento com o qual poderão estar pessoalmente em desacordo. Este debate irá certamente continuar, em outros espaços, com questões similares ou outras, mas muito provavelmente perdurará por vários anos, necessitando de argumentos e dados técnicos, políticos e económicos. Quer venha a ser implementado, ou não, o projecto de GNL já começa a influenciar a nossa vida, nem que seja ao nível das expectativas, dúvidas e medos.

Referências

1. <http://tomaradianteira.blogspot.com/2011/07/leituras-para-o-tempo-quente.html>.
2. Nelson Rodrigues: <http://kdfrases.com/frase/132154>
3. Standard Bank. *GNL em Moçambique: Estudo Macro-Económico*. 31 de Julho de 2014. <http://www.anadarko.com/SiteCollectionDocuments/PDF/Mozambique/2014-MozambiqueLNGReport-PT.pdf>
4. Samora Machel, “Façamos de 1980-1990 a década da vitória sobre o subdesenvolvimento”, 1979, Coleção 11, Edição do Partido Frelimo.
5. Marcelo Mosse, “Anadarko: um gigante americano com rabo de palha?”, Savana n° 1064, 30-05-2014, pp. 9-10.
6. Revista Exame, Edição Moçambique, N° 27, Outubro 2014, p. 31.
7. Revista Exame, Edição Moçambique, N° 27, Outubro 2014, p. 23.
8. Grupo Pró, Apresentação em Power Point, Seminários de Investigação, 4º Ano do Curso de Licenciatura, Faculdade de Economia, Universidade Eduardo Mondlane, 5 de Novembro 2014.
9. Grupo Contra, Apresentação em Power Point, Seminários de Investigação, 4º Ano do Curso de Licenciatura, Faculdade de Economia, Universidade Eduardo Mondlane, 5 de Novembro